



A INSERÇÃO DA MÍDIA E DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO: UM ENFOQUE A PARTIR DOS PRESSUPOSTOS DOS LETRAMENTOS

THE INSERTION OF MEDIA AND DIGITAL TECHNOLOGIES IN EDUCATION: AN APPROACH ON LITERACY ASSUMPTIONS

Simone Dália de Gusmão Aranha¹
Universidade Estadual da Paraíba

Iolanda Paula de Lima Brito Mata²
Universidade Estadual da Paraíba

Resumo: O avanço das tecnologias de comunicação e informação viabilizou a propagação da internet, e, por consequência, ampliou os atos comunicativos. Tais mudanças possibilitaram o surgimento de múltiplas linguagens, que, embora estejam sempre presentes nas vivências diárias dos alunos, não costumam ser abordadas em sala de aula. À luz dos estudos atuais sobre letramentos, e tendo como *corpus* registros de comentários de alunos sobre o tema em foco, este estudo discute acerca práticas pedagógicas, entrelaçando o campo Mídia-Educação. Defendemos a tese de que conteúdos midiáticos podem ser inseridos em propostas pedagógicas, que estejam alicerçadas nas demandas efetivas de práticas sociais de leitura e de escrita (os letramentos).

Palavras-chave: Tecnologias Digitais; Mídia; Educação; Letramentos.

Abstract: The advance of communication and information technologies enabled the spread of the internet, and, consequently, expanded communicative acts. Such changes have allowed the emergence of multiple languages, which, although they are always present in the daily experiences of the students, are not usually addressed in the classroom. In the light of current studies on literacy and having as corpus records of students' comments on the theme in focus, this study discusses pedagogical practices, intertwining the Media-Education field. We defend the thesis that media contents can be inserted into pedagogical proposals that are based on the effective demands of social practices of reading and writing (the literacies).

Keywords: Digital Technologies; Media; Education; Literacies.

Introdução

A mídia atua na construção da realidade, na criação de valores e impulsiona mudanças comportamentais dos sujeitos nas relações humanas e na divulgação do conhecimento. Ela acabou por ocupar, junto aos jovens, um espaço formativo até então atribuído e preenchido por instituições como a

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professora do Departamento de Letras e Artes e Coordenadora da Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, campus I. E-mail: simone.dalia@yahoo.com.br.

² Mestre em Formação de Professores, pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I. Especialista em História Cultural pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: iolandalevi@hotmail.com.

família, a igreja e a escola, de maneira que, ao pensarmos na Educação, é importante considerarmos o seu poder de intervenção em todas as esferas sociais.

Por outro lado, a sociedade está permeada de oportunidades de práticas sociais de leitura e de escrita: por onde quer que “passem”, seja nas ruas, em casa, nos mercados, na escola, nos ônibus, na internet, como também, em outros ambientes, os indivíduos estão cercados de informações. Diante dessa realidade, como fenômeno social, o letramento, - concebido, aqui, como a busca de entender além do código escrito e perceber o sentido da palavra numa dada situação comunicativa, ou ainda, como a prática de ler e escrever dentro de um contexto social, no qual a leitura e a escrita tenham sentidos e funcionalidades -, se faz necessário para a compreensão de um posicionamento crítico e autônomo dos sujeitos.

Estas constatações atingem o processo de ensino/aprendizagem, conduzindo estudiosos do campo da Educação e da Linguagem a pesquisarem acerca dos letramentos e dos múltiplos usos da linguagem. As novas linguagens e formas de comunicação pressupõem competências específicas para uma interação eficiente com as práticas de leitura e de escrita atuais. É oportuno, pois, refletirmos que as práticas letradas dos nossos alunos estão, cada vez mais, mediadas pela tecnologia. Tais práticas, que tendem a ser transformadas e ampliadas, não são abordadas em sala de aula, distanciando as atividades escolares da realidade dos alunos. Essas linguagens exigem do leitor capacidades e práticas de compreensão e produção para fazê-las significar, as quais geralmente são construídas pelos próprios adolescentes na interação com amigos, sem, necessariamente, ter uma atitude reflexiva (ROJO; MOURA, 2012).

Sendo assim, no exercício docente, temos presenciado a utilização do aparato tecnológico e a influência da mídia nos comportamentos dos alunos, e, paralelamente, a ausência destes aparatos e das mensagens veiculadas pela mídia no contexto escolar. Mais do que ausência, percebemos que a escola, muitas vezes, se nega a abrir suas portas para as tecnologias midiáticas, isolando-se, cada vez mais, da sociedade para a qual ela pretende formar cidadãos.

Este estudo, então, objetiva discutir como a escola pode contribuir para a formação de sujeitos críticos mediante a leitura/interpretação de conteúdos midiáticos, bem como fazer com que esse sujeito social – o aluno - seja capaz de enfrentar e responder à mídia de forma participativa e colaborativa.

Entendemos que a escola, na condição de instituição social, deve se capacitar e assumir o compromisso estratégico como um espaço crítico de trabalho com a mídia. Para tanto, é necessário que a escola adquira a consciência de que a sua participação é fundamental para o desenvolvimento de

sujeitos mais preparados para lidarem com as habilidades interpretativas que o universo da mídia requer, contemplando, assim, as práticas sociais de letramentos.

As tecnologias de informação e comunicação (TICs) nos espaços escolares

Na contemporaneidade, as tecnologias de informação e comunicação (TICs) propagam-se incisivamente no cotidiano e influenciam a vida social. Os avanços tecnológicos permitiram que a interatividade e o rápido acesso às informações também chegassem à sala de aula. *Tablets*, computadores, *smartphones*, redes sociais, *sites* educativos ou *softwares* (aplicativos), por exemplo, podem ser grandes aliados de professores e alunos nos processos de ensino/aprendizagem.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para a Educação do Ensino Fundamental e Médio argumentam em prol de uma educação voltada para a recepção dos meios de informação e comunicação. Uma das referências apresentadas na introdução aos PCNs “aponta para a necessidade do desenvolvimento de trabalhos que contemplem o uso das tecnologias da comunicação e da informação, para que todos, alunos e professores, possam delas se apropriar e participar, bem como criticá-las e/ou delas usufruir” (BRASIL, 1998, p.11). Além de orientar o uso das tecnologias de informação e comunicação, os PCNs apresentam, ainda, a promoção e as vantagens do uso dessas tecnologias na Educação, tais como: “gerar situações de aprendizagem com maior qualidade, ou seja, para criar ambientes de aprendizagem em que a problematização, a atividade reflexiva, atitude crítica, capacidade decisória e a autonomia sejam privilegiadas” (BRASIL, 1998, p. 141).

Os documentos oficiais destacam ainda que múltiplos fatores contribuem para que as potencialidades do uso das TICs ainda não sejam devidamente reconhecidas por uma parte dos educadores brasileiros. Para tanto, esses documentos citam algumas razões: “pouco conhecimento e domínio, por parte dos professores, para utilizar os recursos tecnológicos; ausência de equipamentos em muitas escolas; falta de condições para utilização dos equipamentos disponíveis e insuficiência de recursos financeiros para manutenção de equipamentos e para capacitação dos professores” (BRASIL, 1998, p. 142).

Nesse sentido, as propostas governamentais recomendam a utilização das TICs e suas possibilidades pedagógicas a fim de atender à necessidade de a escola acompanhar os processos de transformação da sociedade. Diante dessa demanda atual, os professores encontram-se diante de desafios e conflitos que devem ser superados no sentido de promover uma educação pautada na inclusão dos cidadãos a diversas possibilidades de aprendizagens. Nos termos de Kenski (2007, p.19):

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

A escola representa na sociedade moderna o espaço de formação não apenas das gerações jovens, mas de todas as pessoas. Em um momento caracterizado por mudanças velozes, as pessoas procuram na educação escolar a garantia de formação que lhes possibilite o domínio de conhecimentos e melhor qualidade de vida. Por sua vez, na ação do professor na sala de aula e no uso que ele faz dos suportes tecnológicos que se encontram à sua disposição, são (novamente) definidas as relações entre o conhecimento a ser ensinado e a forma de exploração das tecnologias disponíveis para garantir melhor aprendizagem pelos alunos.

Na visão de outro autor, Miranda (2007), para atuar nesta realidade diversa e complexa é imprescindível o domínio de conhecimentos e habilidades específicas, pois, o uso das tecnologias na educação exige “um esforço de reflexão e de modificação de concepções e práticas de ensino” (MIRANDA, 2007, p. 44).

A escola, então, devido a sua função social e formativa, é convocada a atender de modo satisfatório as demandas sociais. Com essas transformações, é fundamental que incorpore em seus currículos os conhecimentos e habilidades referentes a ela para poder ofertá-los aos seus alunos, para que estes exerçam integralmente a sua cidadania, usufruindo as possibilidades oferecidas pelas tecnologias digitais. Portanto, a escola, vista como espaço privilegiado no tocante à construção do saber, não pode ocultar o contato do aluno aos inúmeros recursos tecnológicos, uma vez que essa “convivência/experiência” poderá contribuir para o seu crescimento social.

Considerando que as sociedades contemporâneas se constituem a partir da engenharia tecnológica, Braga e Calazans (2001) afirmam que o uso adequado e planejado da comunicação e da informática nos espaços escolares surge como uma alternativa capaz de propiciar aos alunos a oportunidade para a compreensão do mundo contemporâneo.

É oportuno destacar que as mudanças presenciadas no âmbito sócio/cultural advêm do avanço tecnológico que está alicerçado nas práticas discursivas. É nesse contexto que refletimos sobre “outras” formas de uso da linguagem, uma vez que as novas tecnologias modificaram profundamente as relações interpessoais, na medida em que a praticidade e a velocidade da internet ampliaram os atos comunicativos.

As TICs impulsionaram a propagação da internet e, conseqüentemente, viabilizou o uso das funcionalidades da *web 2.0*, termo usado para descrever a segunda geração de comunidades e serviços na rede mundial de computadores. A internet, como meio de comunicação contemporâneo, amplia os horizontes de interação e a *web 2.0* se destaca pelo alto nível de interatividade e colaboração dos seus usuários, possibilitando, por sua vez, a expansão de recursos tecnológicos e códigos,

principalmente por meio de buscadores, das redes sociais, de *blogs* ou *sites*. Tal funcionamento facilita o acesso e o compartilhamento de informações, de pesquisas, de imagens ou vídeos no mundo virtual, o que nos faz reconhecer que existe uma relação profícua entre a *web 2.0* e o campo da Educação, pois esta potencializa, significativamente, a interlocução entre professor e aluno.

Nesse sentido, as redes sociais, por se constituírem em um importante recurso para o compartilhamento de informações e criações colaborativas, podem, da mesma forma, contribuir para atividades educacionais, com a criação de alguns *blogs*, *twitters* ou *facebooks* (redes sociais com fins acadêmicos), de cursos a distância ou de vídeo aulas, por exemplo. Todavia, o uso educacional das funcionalidades da internet requer conhecimento adequado para lidar com as potencialidades dos recursos disponíveis; por isso, Belloni (2001, p. 45) afirma com propriedade:

Seria ingênuo pensar que a mídia se adaptaria aos objetivos da escola, porém ilusório pensar que as famílias teriam condições de conscientizar para leitura crítica sobre os conteúdos oferecidos pela mídia, portanto cabendo à escola difundir constantes discussões sobre tal realidade, transformando o espectador passivo ao espectador ativo, levando o aluno a compreender o sentido explícito e implícito das informações onde efetuará uma reflexão crítica sobre os conteúdos midiáticos.

A cultura midiaticizada molda, cada vez mais, realidades cotidianas através de representações singulares e múltiplas. A sociedade de multimeios, pelos conteúdos midiáticos, nos imprime dispositivos de reprodução que influenciam a nossa vida cotidiana. Por isso, é necessário que a escola, em parceria com os professores, ensine ao seu alunado a reconhecer que as mensagens divulgadas na mídia (aqui, particularmente no ambiente virtual) partem de lugares específicos e que o falar e o agir, sendo situados, carregam perspectivas ideológicas e culturais. Essas perspectivas são construídas simbolicamente e pautam a construção identitária daqueles que interagem com os enunciados produzidos e divulgados, sobretudo, em rede.

Diante da sociedade de multimeios, contemplar os estudos acerca da mídia e das representações que ela propaga se constitui uma ferramenta didático/pedagógica que pode ser elementar nos espaços escolares. De acordo com Kensky (2008), a convergência dos meios de comunicação no processo educativo favorece a confluência das pessoas e a organização de grupos de interessados em um mesmo assunto. Nessa relação, o ciberespaço se torna democrático quando os seus usuários, além de terem acesso às informações, passam a agir criativamente num jogo que converge para o aprimoramento da construção de um processo crítico, reflexivo e colaborativo.

Assim, pensar em possibilidades pedagógicas, nesse contexto, é pensar em formas que, de fato, possibilitem a experiência dos alunos com a prática da linguagem digital. No cenário que se descortina, o papel da escola, mais uma vez, se mostra fundamental para estimular nos alunos a busca pelo letramento digital, orientando-os a utilizar o computador e, conseqüentemente, a internet, de maneira segura, crítica e autônoma, dentro ou fora dos muros da escola.

A (oni)presença da mídia e a necessidade da construção de um sujeito crítico

A mídia, por intermédio dos meios de comunicação de massa, é considerada a principal fonte de informação da contemporaneidade. A familiaridade com as ideias e imagens neles veiculadas é tão constante que a maioria das pessoas as utilizam para pautar suas decisões e escolhas na vida.

Em virtude de seu crescente alcance, a mídia se configura numa posição de fonte informativa hegemônica. O que esta veicula geralmente é aceito por grande parte de sua audiência, que por sua vez, exerce função de opinião pública, escamoteando o fato de que os conteúdos disseminados por ela constituem uma leitura possível da realidade; sendo assim, as informações são filtradas de acordo com a conveniência da empresa de comunicação. A esse respeito, Baccaga (2005, p. 385) diz:

O mundo que nos é trazido pelos relatos, que assim conhecemos e a partir do qual refletimos, é um mundo que nos chega editado, ou seja, ele é redesenhado num trajeto que passa por centenas, às vezes milhares de mediações, até que se manifeste no rádio, na televisão, no jornal. Ou na fala do vizinho e nas conversas dos alunos. São essas mediações – instituições e pessoas – que selecionam o que vamos ouvir, ver ou ler; que fazem a montagem do mundo que conhecemos.

Nesses termos, cabe pontuar que apesar de os meios de comunicação propagarem uma expressiva quantidade de informações, ampliando as possibilidades de acesso às informações, é importante considerar que a mídia não garante a produção de conhecimento, pois existe uma diferença conceitual entre “consumo de informação” e “construção de conhecimento”. Em outras palavras: a mídia divulga informação, mas não o conhecimento.

De acordo com Mercado (1999, p. 75), “a sociedade atual se caracteriza pelo aumento exponencial do volume de informações que diariamente se produzem e transmite no mundo”. Vivenciamos, então, a sociedade da informação, cujo grande impasse é saber converter a informação em conhecimento. É necessário, pois, refletir a maneira correta de usufruir o que de melhor a tecnologia

traz para o cotidiano das pessoas: administrar de forma coerente as desvantagens ocasionadas pela tecnologia é essencial. Para Castells (1999, p. 45), informação e conhecimento são assim conceituados:

Conhecimento: um conjunto de declarações organizadas sobre fatos e ideias, apresentando um julgamento ponderado ou resultado experimental que é transmitido a outros por intermédio de algum meio de comunicação, de alguma forma sistemática. Assim, diferencio conhecimento de notícias e entretenimento. (...) **Informação** são dados que foram organizados e comunicados.

Decerto, informação não é sinônimo de conhecimento – é um elemento sistematizado e comunicado, porém, só adquire sentido a partir do significado incorporado pelo sujeito. De uma forma geral, cada sujeito produz um sentido diferente para uma informação, pois a significação é construída a partir do contexto pelo qual a informação é produzida, incluindo nossas experiências, vivências, compreensões. Significa dizer que, quanto mais referencial o sujeito obtém, mais sentidos ele pode dar a uma nova informação recebida. No momento em que o sujeito atribui sentido às informações e as relaciona com o referencial que já possui, ele está processando essas informações. A esse processo de atribuição de significado às informações denominamos de conhecimento. Em síntese, quando o indivíduo se depara com novas informações, ele ativa seu referencial e gera representações que se transformam em conhecimento.

Nesse novo contexto, dispor de estruturas modernas de comunicação não basta, pois é preciso a capacidade para converter as informações em conhecimento e esse tem se constituído o novo papel da escola na atualidade. Portanto, a educação é o fator primordial e condição essencial para a construção de uma sociedade da informação, cujos sujeitos e instituições têm condições para lidar com o novo. Pois, se a construção de conhecimento implica reflexão, e o espaço privilegiado para a reflexão é sempre, e continuará sendo a escola, é plausível executarmos uma proposta pedagógica que desenvolva o senso crítico no aluno, aguçando a sua percepção e a capacidade de discernir acerca das informações recebidas, educando, assim, para um entendimento mais amplo do processo de construção e veiculação das informações.

Sobre letramento(s): situando alguns conceitos

Diversos são os estudos e os conceitos sobre a temática do letramento(s). Pesquisadoras como Ângela Kleiman e Magda Soares, por exemplo, realizam estudos acerca da etimologia da palavra

“letramento” e suas possíveis relações com as práticas de linguagem social e escolar. A esse respeito, Soares (2002, p. 145) diz: “letramento é pontuado como o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento”. Na visão de Kleiman (1995, p. 19), “podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnológico, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Conforme Soares (2004), o termo letramento foi efetivamente propagado no Brasil na década de 1990. A partir desse momento, letrar-se passou a significar mais do que se alfabetizar. A noção de letramento refere-se à aquisição de condições para fazer uso social das habilidades de leitura e de escrita dentro de um determinado contexto. Nesse processo, considera-se a perspectiva de um sujeito inserido na linguagem e que ao exercer práticas de letramentos, os enunciados/discursos adquirem sentidos e funcionalidades sociais. Tornar-se letrado significa transformar sujeitos, não no sentido de mudança de classe social ou cultural, mas de lugar social, pois a forma de viver em sociedade e de se inserir na cultura tornam-se diferentes na medida em que se viabiliza o redesenho de caminhos que preparam os indivíduos para agir protagonisticamente no mundo.

Na contemporaneidade, observa-se outra forma de letramento no qual se inclui o conhecimento do ambiente virtual, os chamados letramentos digitais, definidos como “conjuntos de letramentos (práticas sociais) que se apoiam, entrelaçam e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais”, segundo Buzato (2006, p. 16). O letramento digital compreende, assim, o conjunto de competências para que o sujeito entenda e utilize as informações de maneira crítica e apresentadas em diferentes formatos e oriundas de múltiplas fontes, divulgadas e propagadas na/pela internet. O acelerado desenvolvimento atual da tecnologia da informática nos obriga a incluir em nossas ações rotineiras esse tipo de letramento, pois a tela do computador tornou-se um novo portador de textos, suscitando novos gêneros discursivos, novos comportamentos sociais referentes aos usos da linguagem oral e escrita, e nos cobrando novas teorizações e novos modelos de interpretação dos fenômenos da linguagem.

As práticas de letramentos atuais estão estreitamente vinculadas à tecnologia digital, tendo em vista que as demandas contemporâneas exigem que além de saber utilizar a internet e seus recursos, é imprescindível que o sujeito tenha consciência do correto uso dos diversos aparatos tecnológicos, bem como da leitura dos enunciados que são propagados na rede. A linguagem digital é uma realidade e está consolidada, praticamente, em todas as atividades humanas, das mais simples às mais complexas. Os gêneros do ambiente digital são textos escritos em suportes tecnológicos como computadores, celulares,

caixas eletrônicas e outras tecnologias que para escrever utilizamos teclas. Assim, para que o indivíduo seja um letrado digital é necessário que este possua competências e habilidades para ler e escrever em ambientes virtuais/digitais.

Letramento na cibercultura midiática: novas interfaces de ensino e aprendizagem

Na sociedade contemporânea, as novas tecnologias de informação e comunicação têm modificado muitas atividades do cotidiano. A internet modificou profundamente as relações interpessoais, na medida em que ampliou os atos comunicativos. Tais modificações também têm atingido o processo de ensino/aprendizagem, levando estudiosos da educação e da linguagem a pesquisarem acerca das novas práticas sociais de letramento e uso da linguagem, inclusive, nos meios digitais. A esse respeito, Baccega (2005, p. 384) esclarece:

O desafio, hoje, é a interpretação do mundo em que vivemos, uma vez que as relações imagéticas estão carregadas da presença da mídia. Cabe à Escola – e aí um dos aspectos da ressignificação de seu papel – desvelar como opera a ideologia, ensinar a ler adequadamente as formas simbólicas que circulam na mídia, conformando a realidade.

A crescente inserção das TICs em todas as esferas sociais tem alterado o cotidiano da Educação Básica no Brasil, posto que as necessidades dos alunos (jovens leitores) inseridos em práticas digitais exigem que a escola desenvolva habilidades que conduzam, segundo Rojo e Moura (2012), a letramentos da cultura participativa/colaborativa, letramentos críticos, letramentos múltiplos e multiculturais.

Entendemos que, ao contemplar um processo de ensino-aprendizagem que reconheça a circulação dos gêneros do ambiente digital como uma das formas de se produzir interação no ciberespaço, significa reconhecer que os chamados “internautas” são alunos do ensino regular nacional e também sujeitos sociais do discurso eletrônico e, conseqüentemente, necessitam de uma formação que os prepare para atuar numa sociedade cada vez mais digital.

Inúmeras são as possibilidades discutidas com o intuito de inserir a mídia nos processos educacionais. Uma delas é sugerida por Braga e Calazans (2001), que é viabilizar a interação entre Mídia e Educação, a fim de conduzir os processos interacionais que sejam capazes de construir uma sociedade mais crítica e, conseqüentemente, sujeitos que reconstruam suas próprias representações de mundo. Esses autores defendem a relação entre os campos da Comunicação e da Educação, uma vez que ambos

são abrangentes e passíveis de transformações. Na verdade, nenhum questionamento relacionado às atividades do ser humano está inteiramente alheio à questão educacional, visto que todas as ações produzidas em sociedade podem se constituir em objetos de ensino/aprendizagem.

Promover a utilização de recursos midiáticos no âmbito escolar possibilita uma reflexão sobre educação e informação, já que a escola e a mídia visam informar o indivíduo que pensa e que age de forma crítica na esfera social. Trazer para a Educação recursos midiáticos significa apresentar ao aluno uma perspectiva pautada numa concepção pedagógica que possibilita a formação de sujeitos participativos. Vale ressaltar que a mídia está nas escolas, contudo, o uso que dela fazemos é bem tímido diante da amplitude de sua presença em nosso cotidiano.

Vários autores contemporâneos defendem que a mídia e as representações por ela propagadas poderiam ser trabalhadas com efetividade e de modo contextualizado nos processos educacionais. Por exemplo, Gaia (2001), ao se referir às potencialidades dos recursos midiáticos nos espaços escolares, sustenta que “ao usar a mídia em seu cotidiano, o educador tem em mãos assuntos diversificados que permitem contemplar discussões sobre a sociedade na qual estamos inseridos” (GAIA, 2001, p. 16). Tal constatação sinaliza que a inserção da Comunicação na Educação oferece aos alunos o acesso aos meios, conhecimentos e linguagens que os ligam ao mundo contemporâneo e, dessa forma, vão propiciar o desenvolvimento pleno de seus potenciais como indivíduos, trabalhadores e cidadãos.

É oportuno destacar que ao desenvolver atividades pedagógicas que contemplem a utilização das redes sociais, de um jornal, *site*, vídeo, programa de rádio ou história em quadrinhos, os jovens desenvolvem inúmeras competências e habilidades. No processo de produção de um vídeo ou uma página para internet, por exemplo, os jovens exercitam a escrita, usam a informática, aprendem a trabalhar em grupo, desenvolvem a comunicação interpessoal e a capacidade de expressão e de crítica, experimentam relações éticas com professores e colegas.

A comunicação é um recurso fundamental nos processos produtivos, e, por ser uma atividade essencialmente transdisciplinar e favorecer o protagonismo, o trabalho em grupo e a troca de informações, viabilizando os jovens e a escola o contato com o mundo e desenvolvendo sua capacidade crítica e de intervenção na sua realidade, portanto, seu uso na Educação se apresenta como um caminho privilegiado na formação das novas gerações. Essas potencialidades de que as mídias são portadoras evidenciam a importância e a necessidade do conhecimento, da apropriação e do domínio acerca do conjunto dos recursos midiáticos e de suas linguagens específicas.

Todavia, para que a escola contemple esse nível de aprendizagem é fundamental que os educadores se pautem em objetivos que possibilitem ações pedagógicas voltadas para um ensino

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

contextualizado, de forma a realizar a mediação entre conhecimentos escolares e midiáticos a fim de provocar o pensamento reflexivo e crítico do aluno. Nas palavras de Gaia (2001, p.35):

Os professores precisam aprender a utilizar a mídia não como resolução dos problemas impostos pela prática didática, mas como proposta que traga uma fonte de aprendizado a mais para ser trabalhada em sala de aula. Esta visão implica ter uma atitude sem preconceito, não somente porque colabora para desnudar a noção de verdade perpassada pelas mídias e aceita por um expressivo número de cidadãos, mas também porque pensa esse fenômeno como parte da nossa realidade.

Todavia, a escola tem se posicionado lentamente frente às mudanças. Mesmo imersa num imaginário social construído cada vez mais pelas indústrias culturais, em alguns casos age como se estivesse isolada do restante da sociedade. Ela não consegue atender às múltiplas demandas contemporâneas, pois está fragmentada em conhecimentos disciplinares parciais que acabam mascarando a complexidade da vida e suas possibilidades de intervenção que quase sempre estão associadas à resistência de compreender o conteúdo das mídias. Jenkins (2009, p. 343) corrobora essa afirmação, quando afirma:

Muitas escolas permanecem abertamente hostis a essas experiências e continuam a promover solucionadores de problemas autônomos e aprendizes independentes. [...] as mídias são interpretadas basicamente como ameaças, em vez de recursos. Coloca-se mais ênfase nos perigos de manipulação do que nas possibilidades de participação; fala-se mais em restringir o acesso – desligar a televisão, dizer não ao Nintendo – do que expandir habilidades para utilizar as mídias para nossos próprios fins, reescrevendo as histórias que a cultura concede. Uma das formas de moldar o futuro da cultura midiática é resistir a tais abordagens desabonadoras da educação para um letramento midiático. Precisamos repensar os objetivos da educação midiática, a fim de que os jovens possam vir a se considerar produtores e participantes culturais, e não apenas consumidores críticos ou não.

Nessa perspectiva, reforçamos a tese de que o uso da Comunicação nos espaços escolares surge como uma alternativa capaz de propiciar aos alunos a oportunidade para a compreensão do mundo contemporâneo, uma vez que tal processo possibilita conhecimentos e linguagens que habilitam as competências dos jovens e os conduzem para a mídia a fim de desenvolverem seus potenciais.

Consideramos que a cultura de massa através do rádio, internet, cinema, televisão, jornais, revistas e suas implicações na formulação das representações dos sujeitos acerca da realidade

representam uma possibilidade educativa. A escola, como instituição social, precisa trazer para seu interior estes temas, questionar as mensagens veiculadas pela mídia, e, assim, alcançar a subjetividade de seus alunos na perspectiva de viabilizar processos nos quais contemplem suas individualidades.

Percepções e apropriações dos discursos midiáticos na escola

Consideramos que a escola, a família, os grupos sociais e os meios de comunicação são compreendidos como espaços de ensino e socialização. Assim como a mídia discute a escola, construindo e veiculando imagens suas para toda a sociedade, é importante que a escola também promova ambientes de reflexão e utilização das mídias.

Sejam mídias tradicionais (analógicas), sejam novas mídias (interativas), o fato é que elas coexistem e por meio de endereçamentos são apropriadas pelos alunos cotidianamente através do frequente acesso à internet e às redes sociais, e conseqüentemente, trazidas por esses jovens à sala de aula. Sodré (2002), ao se referir sobre o lugar e poder dos meios de comunicação de massa na sociedade atual afirma que os espaços de sociabilidade (família, escola, igreja) vão sendo cada vez mais midiáticos e as relações vão sendo pautadas no fenômeno da audiência. Nesse sentido, a mídia tem sido considerada como uma das responsáveis pelas transformações ocorridas na vida cotidiana e nas mudanças das relações humanas. De um modo geral, a cultura da mídia adentrou na vida dos sujeitos de forma que estes dedicam a maior parte de seu tempo assistindo a televisão, acessando a internet, ouvindo músicas, bem como participando das envolventes redes sociais.

Partindo dessas considerações, analisaremos alguns comentários de alunos (nossos colaboradores para este estudo) de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Serafina Ribeiro, Gurinhém, no estado da Paraíba, as quais nos possibilitaram realizar e trazer, aqui, uma investigação sobre como a mídia e seus enunciados/discursos são percebidos e apropriados por esses jovens alunos. Para tanto, foi realizado um debate, em sala de aula, com o objetivo de situá-los sobre a temática em foco. O *corpus* foi coletado através do seguinte questionamento lançado para a turma: “O que você entende por mídia e o que ela representa em seu cotidiano?” Essa proposta visou, também, compreender como a mídia e, conseqüentemente, os enunciados por ela propagados, interferem nos pontos de vista apresentados pelos alunos colaboradores.

Belloni (2001) salienta que é evidente o sucesso da mídia no cotidiano dos sujeitos e o poder que ela exerce, por meio de imagens e mensagens que produzem emoção e sensibilidade. Diz ainda que a escola não pode tudo, mas pode, sim, de maneira despretensiosa e comprometida, realizar um trabalho

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

didático-pedagógico de educação para a mídia com professores e alunos, interpretando mensagens, desvendando estratégias de manipulação dos meios, desenvolvendo o uso crítico da comunicação social, contemplando os pressupostos dos letramentos contemporâneos. E assim foi feito o nosso trabalho com a turma. Vejamos algumas respostas dadas pelos nossos colaboradores ao questionamento feito na sala de aula:

Aluno 1- A mídia é uma **coisa copiável**, por exemplo, as pessoas tentam imitar os estilos [...].(grifo nosso)

Aluno 2- [...] Mídia é o meio de comunicação que **traz muita influência**, mas pode ser útil em nosso dia a dia. (grifo nosso)

Aluno 3- Mídia é todo meio de comunicação [...], **a mídia muda nossa forma de pensar**". (grifo nosso)

Aluno 4- Mídia é um meio de comunicação que **transmite várias coisas no nosso cotidiano**, esse meio de informação é transmitido através de celular, jornal, rádio e internet [...].(grifo nosso)

Aluno 5- Para mim a mídia é um meio de comunicação que eu acho que **influencia muito nossa vida**. (grifo nosso)

Aluno 6- É quando é noticiado na TV notícias e acontecimentos que se passa **no mundo da fama** etc. (grifo nosso)

Aluno 7- A mídia é o meio de comunicação que mostram tudo o que acontece no mundo e **deixa todo mundo antenado** [...].(grifo nosso)

A partir desse recorte, é possível notar que os alunos associam a mídia termos como: imitação, influência, informação, cotidiano, fama, “antenado”. Como se percebe, as respostas dos alunos se reportam a temas como mediações, representações, recepção, influência midiática, que circundam as discussões em torno do campo midiático. Isso confirma a importância de a escola incluir em seu currículo estudos sobre essa questão, considerando que a junção das duas áreas do conhecimento – a mídia e a educação – amplia a interação social entre os envolvidos, de uma forma complementar.

Para Silverstone (1999), devemos estudar a mídia pela tamanha influência que exerce no nosso cotidiano e que necessitamos de instrumentos de análise poderosos e sofisticados para avaliá-la:

(...) precisamos compreender o processo de mediação, compreender como surgem os significados, onde e com quais conseqüências. Porque precisamos ser capazes de identificar os momentos em que o processo parece falhar, onde ele é distorcido pela tecnologia ou de propósito. Porque necessitamos compreender sua política, sua vulnerabilidade ao exercício do poder; sua dependência do trabalho de instituições e indivíduos; e seu próprio poder de persuadir.

Nesse sentido, ao estimular as competências dos jovens e educá-los para a mídia, objetiva-se despertar a capacidade de questionar e refletir sobre a veracidade do que se ouve, do que se lê, do que se fala e do que se vê, no contexto da sociedade. Não existem verdades absolutas sobre nenhuma temática. Os fatos não ocorrem independentemente da interpretação que lhes atribuímos – e toda interpretação pode ser contestada. O comentário da Aluna 8, a seguir, reafirma a ideia de contestação: “Mídia é um meio de comunicação onde os produtores que produzem os materiais passam na mídia para nós telespectadores saber as coisas, **mas nem sempre tudo é verdade**” (grifo nosso).

Assim, com a evolução tecnológica, a mídia está assumindo cada vez mais o papel de disseminadora de representações simbólicas. Entretanto, muito além de simples novidades tecnológicas, os diversos meios de comunicação que vão sendo criados atuam na produção e na disseminação de cultura, de moral e de ideologias: “Ao interferir nos modos de perceber o mundo, de se expressar sobre ele e de transformá-lo, estas técnicas modificam o próprio ser humano”, como diz Belloni (2001, p. 17).

A esse respeito é interessante destacarmos sobre o comentário do Aluno 9: “Mídia para mim é coisa que está na moda, coisa de última geração, **coisa que eu gosto de fazer**” (grifo nosso). Esse comentário deixa evidente a forma como os jovens se apropriam da mídia para pautar suas condutas e gostos. Notamos que os termos “moda” e “geração”, usados pelo aluno, atribuem à mídia uma face de identificação com a modernidade. Ou seja: entender do assunto é, para a cultura juvenil, um sinal de atualização com o mundo e com seus novos padrões, traduz a sintonia com a evolução social, demonstrando, também, a urgência que os jovens apresentam ao seguirem tendências para se sentirem incluídos no espaço coletivo. Este aluno colaborador menciona que gosta de fazer tudo o que a mídia veicula, porque, para ele, a mídia “dita moda”, confirmando o que Silverstone (1999, p.20-21) ressalta:

É no cotidiano que a mídia opera de maneira mais significativa. Ela filtra e molda realidades cotidianas por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e a manutenção do senso comum. E é aqui, no que se passa pelo senso comum, que devemos fundamentar o estudo da mídia. [...] A mídia nos deu palavras para dizer, as idéias para exprimir, não como uma força

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

desencarnada operando contra nós enquanto nos ocupamos com nossos afazeres diários, mas como parte de uma realidade de que participamos, que dividimos e sustentamos diariamente por meio de nossa fala diária, de nossas interações diárias.

Desse modo, entendemos que a escola como a mais importante instituição social responsável pela instrução formal dos indivíduos, especialmente pelo ensino da linguagem escrita, e, conseqüentemente, dos letramentos de seus alunos, também deve se responsabilizar pela formação digital de seus alunos, preparando-os para a interação com a cultura contemporânea. Todavia, para que a escola contemple esse nível de aprendizagem é fundamental que os educadores se pautem em objetivos que possibilitem ações pedagógicas voltadas para um ensino contextualizado, de forma a realizar a mediação entre conhecimentos escolares e midiáticos provocando/instituindo o pensamento crítico e participativo do aluno.

Finalizando...

As TICs favorecem a propagação de informações e disponibilizam uma variedade de gêneros discursivos que se propagam, instantaneamente, nas esferas da sociedade. Assim, os conteúdos que a mídia veicula estão presentes nas experiências cotidianas dos alunos, mas o uso que a escola faz desses gêneros/discursos é bem tímido diante da amplitude de suas influências na vida desses alunos.

Os recortes dos comentários aqui trazidos nos permitem constatar que os alunos colaboradores percebem a mídia apenas como meio de comunicação, logo, se identificam como consumidores e não como produtores ou geradores de informações. Esta experiência demonstra também que, apesar de os alunos dominarem e conviverem, de forma intensa, com as tecnologias digitais, por sua vez, os professores ainda não as utiliza para fins didáticos, de forma efetiva. Diante disso, justifica-se a necessidade de levar para o processo de ensino-aprendizagem ferramentas midiáticas a fim de apresentar ao aluno um horizonte de perspectivas, alicerçado a uma concepção de ensino contextualizado, interativo e significativo, características necessárias para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa.

Nesse sentido, é crucial evitar as engessadas práticas de ensino tradicionais e trazer, para o ambiente escolar, vivências mais próximas das demandas sociais de leitura e escrita. Nesse caso, a escola deve se capacitar e assumir o compromisso de trabalhar de modo a atender à demanda da sociedade

atual, viabilizando a formação de sujeitos mais preparados para lidar com as habilidades e práticas de letramentos críticos e participativos.

Finalizamos essa abordagem, compartilhando a sugestão de que a escola pode e deve introduzir em seu fazer pedagógico o uso de diferentes tipos de letramento, com o objetivo de promover mediações críticas e criativas, que sejam socialmente capazes de intervirem em nossa realidade, transformando-a de acordo com as demandas atuais. Ressaltamos o papel social da escola ao aliar a Mídia e a Educação em prol de uma formação frente aos conteúdos midiáticos que são veiculados e que fazem parte do cotidiano dos sujeitos sociais, mais particularmente, dos nossos jovens alunos.

Referências

- BACCEGA, M. A. Do mundo editado à construção do mundo. *Comunicação & Educação*. São Paulo: CCA/ECA/USP/Moderna, 2005.
- BELLONI, Maria Luíza. *O que é Mídia-Educação*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BUZATO, M. E. K. Letramentos digitais e formação de professores. Mesa redonda *Educação e internet*: IEL / UNICAMP, 2006.
- BRAGA, José. Luiz; CALAZANS, Regina. *Comunicação e Educação*. São Paulo: 2001.
- BRASIL. MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. MEC. Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. DOU. Brasília, nº 248. 23/12/1996.
- CASTELLS, M. A Sociedade em Rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura volume I, São Paulo, Editora Paz e Terra, 1999.
- GAIA, R. V. *Educomunicação & Mídias*. Maceió: EDUFAL, 2001.
- JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.
- KENSKI, Vani Moreira. M. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papiros, 2007.
- KLEIMAN, Ângela B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.
- MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. *Formação Continuada de Professores e Novas Tecnologias*. Editora EDUFAL, Maceió, 1999.
- MIRANDA, Guilhermina Lobato. Limites e possibilidades das TIC na educação. *Sísifo Revista de Ciências da Educação*. Lisboa, n. 3, maio/ago., 2007, p. 41-50. Disponível em: - <http://sisifo.fpce.ul.pt>. Acesso em: 05 abr. 2017.
- ROJO, Roxane.; MOURA, Eduardo. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SILVERSTONE, R. Por que estudar a mídia? São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- SOARES, Magda. *Alfabetização e Letramento*. São Paulo: Contexto, 2004.
- _____. *Novas Práticas de Leitura e Escrita: letramento na cibercultura*. In: *Educação e Sociedade*. v.23 n.81. Campinas, 2002. p. 143-160. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf> Acesso em: 02 mar. 2017.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho*. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Recebido em: 15/07/2017

Aprovado em: 18/08/2017